

## **Cultura corporal dos bananeiros da Feira da Banana<sup>1</sup>**

Soraya de Oliveira LIMA<sup>2</sup>  
Artemis de Araújo SOARES<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este estudo tem como finalidade destacar aspectos do movimento corporal dos bananeiros da Feira Manaus Moderna, localizada no Centro da cidade de Manaus, bem como a influência que o movimento corporal desses trabalhadores exerce sobre os seus corpos em relação ao trabalho desenvolvido. A ideia surgiu devido à necessidade do ponderamento aos estudiosos da área sobre o corpo e os movimentos que os bananeiros exercem diariamente. Desta forma, o artigo contribuirá para o conhecimento do papel social e cultural da construção do corpo, retratados por meio das atividades realizadas pelos bananeiros da Feira da Manaus Moderna.

**Palavras-Chave:** cultura corporal; movimento corporal; corpo; bananeiro; feira.

### **Introdução**

As discussões sobre o corpo e a cultura corporal vêm ao longo dos tempos articuladas de acordo com o contexto e as transformações pelas quais passam o conceito de corpo e seu significado sociocultural. Logo, a transformação do corpo nos aspectos biológicos, psicológicos, éticos e conceituais, demonstram que o corpo humano não é um dado puramente biológico e que por tudo isso, sofre a influência da cultura.

Sendo o corpo fruto da interação natureza/cultura, as diversas experiências do homem no decorrer de sua vida, demonstram que a condição corporal (BRETON, 2012), expressas em seus hábitos, maneiras e costumes, mesmo em diferentes épocas, caracterizam que “no fundo, corpo, alma e sociedade, tudo se mistura”(MAUSS,p.198.1974).

É interessante destacar que mesmo na atualidade, a citação de Mauss revela que o corpo que se movimenta é o corpo que representa aspectos da sociedade, pois é um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 5 - Corporeidade E Práticas Corporais Dos Povos Tradicionais do III Sisicultura.

<sup>2</sup> Doutoranda em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [sollimaquine@hotmail.com](mailto:sollimaquine@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professora Doutora do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas-UFAM E-mail: [artemissoares@yahoo.com.br](mailto:artemissoares@yahoo.com.br)



corpo ao mesmo tempo, biológico e cultural. Sociólogo/antropólogo francês, considerado um dos pais da Antropologia Social contemporânea, Mauss abriu caminho valioso para desconstrução da concepção de um corpo meramente biológico, dando em relevo a compreensão sobre a natureza do homem como anterior ou pré-requisito da cultura, “em superar a famosa dicotomia inaugurada por Descartes entre pensamento e matéria”. (DAOLIO; CAPELLINI RIGON; ROBL, p.1, 2012).

De que maneira os corpos se constroem, se reconstróem e expressam as articulações entre cultura e natureza? Como compreender que a cultura corporal é útil para a compreensão do corpo? Estas e outras hipóteses apontam para a necessidade de as sociedades buscarem a noção ou a compreensão da corporeidade, pois apesar da grande relatividade cultural da espécie, as culturas humanas partilham de uma mesma situação dual: o eu individual e o eu coletivo, sendo “precisamente tomar o homem como é, em sua situação afetiva de vida e conhecimento” (MERLEAU-PONTY, 1980, p.205).

Merleau-Ponty foi reconhecido como fenomenólogo, principalmente por suas teorias a respeito da percepção do homem. Em seus estudos, Ponty<sup>4</sup> demonstra que o corpo é a via de linguagem intermediária dessas mudanças, que através de gestos, movimentos e atitudes expressas no/pelo corpo, o desenvolvimento do homem ocorreu devido à apropriação de comportamentos e atitudes através do processo cultural que, inclusive, foram transformando o seu componente biológico.

Esse ponto de vista permite demonstrar que há um diálogo entre as contribuições de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty, no que diz respeito às reflexões elaboradas por ambos sobre o corpo e a corporeidade, mesmo que seus estudos estejam assentados na antropologia e também na fenomenologia, já que ambos os estudos estabelecem “uma visão do corpo e do movimento integrados na totalidade humana.” (GONÇALVES, p.64, 1994).

---

<sup>4</sup>“Mesmo sendo fenomenólogo e reconhecido por sua teoria da percepção, na qual o corpo é pleno de subjetividade, Merleau-Ponty reconhece a intersubjetividade marcada numa “condição corpórea” que se dá entre ações individuais e coletivas. Considerando a estrutura psicológica, Merleau-Ponty aponta, que o corpo é o local da experiência com o outro e com o mundo. Para ele, o corpo possibilita e inaugura a existência e a presença do ser no mundo” (DAOLIO *et al.*, p.8, 2012).



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Por um longo tempo, as premissas antropológicas questionaram a existência fundante entre natureza e cultura, sobretudo porque não é possível conceber um “homem original [...], um ser natural, puro de qualquer influência cultural [...]” (DAOLIO, p.32,1995).

Isto remete a existência da cultura corporal, quando estabelece mudanças tanto nos aspectos físicos, quanto no aspecto mental do homem, por este ter de adaptar-se à maneira de sentir, pensar e agir conforme os costumes pré-determinados por uma determinada sociedade, deixando claro que não é possível desvincular o homem da cultura: o que o diferencia de outros animais, principalmente, é a sua capacidade de produzir cultura e que “sem o corpo a aparência do homem nada seria”. (LE BRETON, p.10,2012).

Logo, falar sobre cultura corporal demonstra a vinculação do eu com o mundo, que se expressa nas relações com nossos corpos; assim, a cultura corporal passa a ser entendida para além da cultura do movimento: nesse aspecto, o corpo não é visto como algo mecânico, (apontando apenas o desenvolvimento do aspecto físico, independentemente dos demais, como era anteriormente), mas sim na perspectiva de sua relação com os outros sistemas: o mental, o emocional, o estético, entre outros.

Sobretudo, porque no campo fenomenológico, as singularidades revelam o quanto o corpo capta e percebe tudo que acontece em volta, sendo sua presença no mundo e a maneira como as interações se estabelecem com o outro e com o mundo; elas influenciam e contribuem para nossa interminável construção como seres humanos, e que “eu só consigo compreender a intencionalidade do outro – e sua atitude para comigo – porque através do meu corpo posso torná-la minha “. (FURLAN; BOCCHI, p.449 2003).

Disto resulta que a história de vida do ser humano é envolta por expressões que estão escritas de forma singular em cada um de nós. No entanto, não é tarefa simples pensar o corpo, dadas as diversas dimensões que podem ser exploradas: é o arcabouço físico do ser humano e marcador da existência material quanto às formas de se relacionar, de interagir, de repetir.



Se os movimentos corporais estão relacionados com o lado fisiológico e social e também o individual e grupal, torna-se importante reconhecer que a concepção do indivíduo na atualidade não é algo natural, composto pela essência humana, cuja tradição Maussiana assume radicalmente o papel formador que as categorias de uma sociedade exercem sobre a organização e práticas concretas da mesma.

Exemplo disto foi a revolução industrial: com o sistema de produção e acúmulo de bens, o corpo desse homem sofre uma ruptura forçada, pois os homens e sua força de trabalho são tratados como máquinas, tendo seus movimentos totalmente controlados e calculados por outras máquinas e pela necessidade de produtividade e geração de lucros.

É quando consideramos que o sistema de produção e as suas relações com o trabalho, compreendemos que nesse sistema, o corpo do indivíduo se constrói socialmente dentro de um espaço-tempo, (SOARES, 2011) e que apesar disso, as suas práticas corporais vivenciadas estabelecem uma relação de pertencimento coletivo.

Ao observarmos o trabalho e as práticas corporais dos bananeiros da Feira da Banana da Manaus Moderna no centro de Manaus (Estado do Amazonas – Brasil), percebemos uma espécie de teia cultural: ao desenvolver suas atividades laborais, seus movimentos corporais se articulam, se modificam e se mantêm; e ao mesmo tempo produzem mudanças, tanto corporais quanto sociais, cuja forma de ver e sentir o mundo, demonstram que os movimentos corporais desses trabalhadores são movimentos corporais tanto individuais como coletivos.

### **Procedimentos e Métodos**

Para a realização desta pesquisa foi realizada uma recolha etnográfica e na coleta dos dados utilizaram-se filmagens, fotografias, observação direta. Os materiais e métodos selecionados possibilitaram, além do entendimento, informações importantes sobre a vida relacionada ao desenvolvimento do trabalho dos bananeiros, a partir do momento que chegam à feira.

Como parte do estudo, o contato com os trabalhadores através da observação direta foram as principais fontes deste trabalho para tornar mais concreta a perspectiva



que buscamos: a proximidade com os trabalhadores, a fim de perceber como eles expressam em seus corpos suas atividades em conjunto com os movimentos corporais.

Para tanto, propomos contextualizar o cenário onde a Feira da Banana se localiza, ou seja, no Centro de Manaus, na Manaus Moderna, a fim de possibilitar maior aproximação de nossa temática. É no meio desse setor de serviços que se concentram considerável quantidade de carregadores de bananas, sujeitos esses elencados em nossa pesquisa.

### **Breve relato sobre a Feira**

Localizada nas proximidades da Manaus Moderna, de acordo com os relatos de alguns comerciantes, a Feira da Banana surgiu porque o Mercado Municipal Adolpho Lisboa<sup>5</sup> começou a ficar pequeno para a comercialização dos produtos vindos do interior do Estado do Amazonas; então alguns comerciantes resolveram montar uma pequena feira, sendo que a partir da década de 1970 surgiu também a feira da Manaus Moderna; porém, só em 1994 é inaugurada e recebe o nome de Feira Municipal Coronel Jorge Teixeira.<sup>6</sup>

Com o passar dos tempos, o ambiente onde se localiza a feira da Banana da Manaus Moderna tornou-se um dos principais pontos de comércio da cidade. Além do mais, a presença das diversidades social, econômica e cultural chamam a atenção, pois o espaço da feira pode ser considerado com uma espécie de “malha indenitária cultural, “um código”, um tempo, ou vários tempos, ritmos, uma

---

<sup>5</sup> Um dos ícones da chamada arquitetura do ferro no Brasil, o Mercado Municipal Adolpho Lisboa é um dos símbolos da cidade de Manaus e constitui uma relíquia da época da borracha. Sua bela arquitetura foi fortemente influenciada pelo estilo Art Nouveau, sendo que sua construção remonta ao final do século XIX. Construído pela firma Backus&Brisbin, as obras foram iniciadas em 02 de agosto de 1882, nos moldes do mercado central de Paris, o famoso Les Halles. O mercado é até hoje um local de reconhecimento da cultura manauara, onde podemos encontrar desde os produtos mais típicos da região, tais como as ervas medicinais e temperos nativos oriundos do interior do Estado, até os saborosos peixes de água doce e o artesanato indígena, tão apreciados não apenas pelos visitantes brasileiros, mas do mundo todo, que buscam saber um pouco mais sobre a cultura e os costumes do povo amazônico. Fonte: disponível em: <<https://www.band.uol.com.br/m/conteudo.asp?id=100000639537&programa=cidades>> Acesso em 14/10/2018.

<sup>6</sup> Fonte: SUBSEMPAB - Secretaria Municipal de Produção e Abastecimento - Prefeitura Municipal de Manaus, Am.

globalidade social”,( LE FEBRVE 2001, p. 56-57) revelando “que a paisagem urbana contém as contradições inerentes à sociedade” (OLIVEIRA, 2003, p. 35).

As feiras também são lugares dos despossuídos, muitas vezes de gente sem emprego. [...] O lema “cada um que se cuide” parece estar na atmosfera das feiras. Cada um sobrevive como pode. A pobreza é evidenciada em suas múltiplas dimensões na construção do espaço geográfico. Como por exemplo: encontra-se pessoas que recolhem lixos, mendigos, prostituição em troca de comida, trabalho das crianças com as mais diversas formas de exploração, entre outras (NORONHA, 2010, p. 21-22).

Popularmente conhecida como “Feira da Banana ”, esse espaço é constituído por uma grande área aberta e coberta, comportando uma diversidade na oferta de produtos. Pode-se encontrar por lá: atacadistas de tomates, laranjas, cebolas e batatas portuguesas; varejistas de laranjas, tucumãs, melancias, pupunhas, mamões, gomas, tapiocas, queijos coalho, polpas de frutas, etc., no entanto o principal produto ainda é a venda da banana. Existem alguns comerciantes que possuem câmaras frigoríficas comercializando frutas, legumes e verduras. Há também a venda de alimentos como as sopas de carne e mocotó e do tradicional peixe frito.

É importante salientar que as observações e os registros fotográficos foram realizados no local de trabalho, ou seja, na Feira da Banana, na Manaus Moderna; destacamos que as atividades daquela feira iniciam a partir das 3h ou 4 horas da manhã.

Observamos também que esses trabalhadores são independentes: a quantidade de trabalho vai depender da oferta e da procura de bananas, das condições climáticas e do período do ano, e também da necessidade dos donos das bancadas que vendem as bananas, de “contratar” os carregadores, tanto para esvaziar os caminhões que chegam carregados de bananas, com transportá-las em seus corpos para outras partes da feira.

Referente à organização espacial da Feira da Banana, observamos que foram construídas bancadas para evitar que os gêneros ficassem expostos no chão, melhorando seu visual, embora com muitos problemas, devido possivelmente à falta de conscientização dos feirantes e de alguns consumidores, pois todos os restos são jogados em qualquer lugar, dificultando a passagem dos pedestres com os lixos e



entulhos que podem entupir os bueiros, além de cheiro desagradável, que se misturam com o vai e vem de pessoas.

### **Organização do trabalho dos bananeiros**

Embora o forte calor desmotive a caminhada nos arredores da feira da Banana, é possível perceber a presença e uma gama de interação nesse espaço, constituída tanto pelas representatividades dos habitantes da capital e do interior, mas também evidenciadas no grande o ir e vir da multidão de pessoas que frequentam a localidade.

É em meio a esse cenário que encontramos o desenvolvimento de alguns trabalhos que se constituíram tradicionalmente no espaço da Feira da Banana, bem como suas atividades são expressas por meio dos movimentos corporais, considerando que o trabalho desses sujeitos contribuem com a economia da cidade.

Nossas observações demonstram que as atividades dos bananeiros nesse espaço, ocorrem tanto pela madrugada, ao amanhecer do dia e estende-se até o período tarde<sup>7</sup>, em uma sequênica que inicia quando um grande caminhão carregado de bananas encosta na lateral da rua da feira sobre a qual os produtos são descarregados.

Nossos registros mostram que “em cima” do caminhão ficam dois homens: um para entregar uma a uma as pencas de bananas, para o outro que “atira” com destreza e rapidez para dois ou três homens que ficam no solo.

Em seguida, um deles pega os cachos das bananas e vai imediatamente organizando-os no chão; na sequência, outros homens carregam os produtos nos braços ou nas costas, utilizando seu próprio corpo como ferramenta. Ao final os cachos/pencas das bananas são organizados nas bancadas que ficam no chão, conforme as imagens a seguir:

---

<sup>7</sup>Por ser uma atividade autônoma, os serviços prestados pelos sujeitos que carregam e descarregam as bananas, tem a ver com as demandas dos caminhões que chegam a feira com o produto, principalmente em maior período de produção da fruta em sua maioria oriundas de outras localidades do país, principalmente do Baixo Madeira, de Roraima. Fonte: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/mais-de-80-dos-alimentos-consumidos-no-am-vem-de-outros-estados>>



Imagens 1 e 2. Fonte. Acervo da pesquisadora, 2018.



Imagens 3 e 4- Fonte. Acervo da pesquisadora, 2018



Imagens 5 e 6. Fonte. Acervo da pesquisadora, 2018.

Quanto à apresentação dos bananeiros, o corpo deles em geral possui as seguintes características: pequena e média estatura, ombros largos ou moderadamente largos, braços musculosos; são jovens e adultos com idades entre 16 a 45 anos; percebe-se também a presença de senhores com mais de 50 anos de idade transportando as bananas. Em relação às suas vestimentas, eles não são uniformizados e nem fardados. Os homens vestem-se só com short e sandálias, e alguns as retiram para trabalhar.





III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



É importante destacar que a apropriação e conhecimento do corpo através das diferentes expressões da cultura corporal do movimento, revelam que o corpo desses trabalhadores sofre consequências em função do tipo de trabalho, nesse caso mais rápido, repetitivo, alterando assim a exigência física dos seus movimentos corporais; assim é que nossas observações apontam para a questão da saúde física desses sujeitos, pois durante toda sequência das atividades, não há um intervalo ou parada, nem mesmo para beberem água; e certamente, a saúde desses trabalhadores será afetada, dentre elas, danos à coluna e nas articulações, que possivelmente serão causadores de doenças relacionadas aos esforços repetitivos.

Nossos registros e observações explicitam que as atividades dos bananeiros estão à mercê do tempo e remetem ao dilema imposto pelo mercado de trabalho do sistema de produção: devolver os resultados de modo positivo dentro de uma lógica do tempo e do trabalho retratados nos séculos XIX e XX, sobretudo porque o corpo bem como a linguagem corporal dos sujeitos pesquisados, (bananeiros), caracterizam as configurações ideológicas do homem moderno, proporcionado pela visão industrial: a sequência de movimentos repetitivos, o esforço de trabalhar em conformidade com o fator tempo, caracterizando-se como um sistema de repetição mecânica, contínua e cronometrada.

É em meio à rede de relações estabelecidas no ambiente da Feira da Banana, que esse tipo de trabalho assume o modo de produção capitalista, mostrando como essa concepção se explicita na organização das atividades desses sujeitos, destacadamente pela influência do pensamento economicista e de produção.

Apesar disso, consideramos que no momento que os sujeitos jogam, transportam ou carregam as pencas das bananas em seus corpos, há muito mais do que adestramento, agilidade e o vigor físico: há uma rede de relação mútua entre o grupo de trabalhadores que resulta na diversidade e nas formas como se expressam, sendo ações de posturas e atitudes caracterizadas em seus movimentos e em gestos, o que torna seus movimentos corporais uma espécie de linguagem do corpo, característica da cultura corporal do movimento.

Em meio a organização do trabalho dos bananeiros associada à cultura corporal, do ponto de vista de Mauss, “demonstra que as abordagens contemporâneas da temática [...] estão assentadas nas relações culturais [...] seja nos meios de comunicação, nos lares seja em todos os grupos sociais”.(LIMA,p.62,2015).

Mauss classifica como técnicas corporais as atividades desenvolvidas pelos bananeiros articuladas com os movimentos corporais para demonstrar como o corpo torna-se um instrumento moldado em executar e reproduzir determinadas regras que regem as práticas e as ordens de interações tanto econômicas como as sociais.

E sob a perspectiva dos movimentos dos bananeiros, eles expressam uma espécie de prática social, que tem em comum a cultura corporal, manifestada durante a sequência de seus movimentos, na qual a cultura (do movimento corporal) é ressignificada e a dimensão simbólica no comportamento humano também está presente; esse ponto de vista revela que os gestos e movimentos daqueles sujeitos demonstram a maneira como as relações e interações que estabelecem com o outro, influenciam e orientam a atuação na sociedade.

Resultado disto é que a linguagem corporal e os movimentos que os sujeitos realizam diariamente, expressam sua presença, pois carregam elementos da corporeidade; e que para os olhos de alguns, é uma atividade repetitiva e a sequência de seus movimentos não tem sentido humano.

Ao lidar com seus corpos, os trabalhadores, desenvolvendo os mesmos movimentos com o corpo, destacamos a importância de Mauss, quando revela que o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem, modelado conforme os hábitos culturais, econômicos e sociais de uma época(1976).

### **Considerações**

Os movimentos dos bananeiros da Feira da Banana por meio das suas práticas corporais demonstraram que no local que trabalham, o espaço urbano é instituído a partir das referências dos próprios trabalhadores sendo, portanto perceptível a existência de uma relação e uma interação entre o fazer dos trabalhadores e o fazer diário, próprio da lógica de funcionamento daquele local, pois há um processo



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



complexo e mais denso do viver urbano de nossa cidade e que são retratados por meio da corporeidade dos sujeitos observados.

Percebemos também que as atividades desenvolvidas pelos bananeiros revelam a associação com os movimentos corporais deixando claro que o ser humano é corpo e que suas ações são permeadas pela linguagem corporal, sobretudo no momento que desenvolvem seu trabalho utilizando as mãos e os braços, além dos movimentos dos musculares.

E embora não fosse o enfoque do estudo, podemos dizer que aqueles trabalhadores poderão, além dos problemas relacionados aos esforços repetitivos, apresentar também outros de ordem física e psicológica; conseqüentemente absorvem um cotidiano ao mesmo tempo com pouca esperança, mas também com criatividade e alegria, mesmo que sua atividade se expresse na repetição de um par de gestos mecânicos simples.

Sendo a Feira da Banana um espaço de disputa social, geográfica e econômica, é perceptível que dificuldades em conseguir se estabelecer no mercado de trabalho formal (com carteira assinada, com todos os direitos defendidos por lei), podem levar alguns daqueles homens à decisão de trabalhar na feira.

Assim foi possível perceber as diferentes situações pelas quais aqueles homens são levados a optar por esse tipo de atividade: seja pela necessidade em ganhar um dinheiro a mais, ou ainda para garantir o sustento da família, ficando claro que este último motivo é também o mais significativo.

Em meio à rede de relações estabelecidas no ambiente da feira da banana, há também a presença de elementos suficientes para analisarmos o sistema de vida proporcionado pela visão industrial-capitalista: a sequência de movimentos repetitivos, o esforço de trabalhar em conformidade com o fator tempo, caracterizando-se como um sistema de repetição mecânica, contínua e cronometrada.

Finalmente, percebe-se que esses trabalhadores vivenciam em suas próprias experiências, a organização social de seu grupo de trabalho, tanto para pegar, selecionar, “jogar”, carregar e levar as bananas até o chão e organizá-las: assim o corpo é usado como ferramenta, pois eles devem repetir esses movimentos até o



término de descarrego das bananas, forçando além do limite do corpo, o limite também da força muscular necessitando, portanto, de muito equilíbrio e resistência física.

Por fim, consideramos que esse é um dos trabalhos representativos da cultura corporal da cidade, pois ao olharmos para um grupo de trabalhadores retratados por meio das atividades que realizam, há uma síntese de toda uma experiência e também de todo um cenário, que são possuidores de raízes da própria dinâmica da vida, pois os movimentos dos bananeiros da Feira da Manaus Moderna, podem servir para abertura de novos temas relacionados ao corpo e a corporeidade, presentes na cultura corporal daqueles sujeitos.

#### **REFERÊNCIAS:**

DAOLIO; CAPELLINI RIGON; ROBL. **Corporeidade:** o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. Revista Pro-Posições | v. 23, n. 3 (69), p. 179-193, set./dez. 2012.

FURLAN; BOCCHI. **O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty.** Estudos de Psicologia, Natal, n. 8, p. 445-450, 2003. p.449. 2003.

LE BRETON, David, 1953-**A sociologia do corpo/David Le Breton;** tradução de sonia Fuhrmann.6.ed.-Petropolis RJ:Vozes,2012.

LEFEBVRE, Henr. **A cidade do capital.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LIMA, Soraya de Oliveira. **Cultura corporal:** a linguagem do corpo em uma escola de ensino médio de Manaus / Soraya de Oliveira Lima, 2015. Orientador: Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – UFAM / Instituto de Ciências Humanas e Letras/ PPGSCA.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EDU/EDUSP, 1974. v. 2.

MERLEAU-PONTY. M. **De Mauss a Claude Lévi-Strauss. In: MERLEAU-PONTY, M. Os pensadores:** textos selecionados. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

NORONHA, E. L. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadorasperambulantes nas feiras de Manaus: um olhar a partir da Sociologia da Infância.** 2010. 365f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010.

OLIVEIRA, Jose Ademir[et al]Cidade de Manaus: **visões interdisciplinares.**Manaus,Edua 2003.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



---

SOARES, Artemis. **A Corporeidade Indígena – alguns olhares. Faculdade de Educação Física e Fisioterapia.** UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM. 2011.